

## PREÂMBULO

### A TERRA E SEUS CICLOS TRANSFORMATIVOS

Periodicamente, a humanidade passa por transformações sociais, climáticas, políticas, econômicas e ainda que, muitas vezes, dolorosas, extremadas, são elas evolutivas, depuradoras. E inevitáveis, enquanto persistir o nosso atraso moral e espiritual, até que o planeta se harmonize, se ajuste às excelsas leis celestiais.

Escândalos financeiros, catástrofes naturais, fanatismos, guerras, escassez de recursos naturais, massacres, epidemias, novas e resistentes bactérias, vícios coletivos, refugiados aos milhares, são temas que nos afetam, impactam-nos a todos.

Estranhas sensações para todos nós, pairando no ar. Inquietudes. Tensões. Radicalizações. Verdades por um fio. Mudanças com suas causas humanas, geológicas, planetárias, cósmicas, atingindo a economia, a ciência, religião, filosofia. Impressão de orfandade moral, social, financeira, política – desequilíbrios na hierarquia mundial, que chegam aos mais longínquos arrabaldes, às mais íntimas fimbrias de nosso ser. Hora, porém, de reflexão, de solidariedade, de exultação.

O sistema monetário-financeiro, sobremaneira predatório, acha-se em exaustão. A natureza, o meio ambiente reagem à espoliação e à ganância milenares. Há um embate surdo entre a afirmação do indivíduo – responsável por uma nova e superior realidade – e a potestade do Estado embusteiro e seu ácido parceiro, o capitalismo voraz, antiético. A escolha por novos, harmoniosos modelos de vida, numa luta esganiçada entre extinção ou evolução. Máscaras que caem. Embalagens, bagagens tradicionais, materialistas, mercantilistas que não mais servem para os novos roteiros humanos e terrestres. Logradouros onde ninguém mais pode se ocultar. A morte de velhos padrões que se agarram em seus estertores apocalípticos.

Uma nova consciência preservacionista, intuitiva, criadora que surge. Momentos multifacetados, multidimensionais incorporando novas realidades, desafios, escolhas, medos, mentiras, verdades, uma complexa, assustadora sinfonia. Onde nos cabem duras escolhas. Opção entre a estrada larga ou a porta estreita. Novas gerações e crianças que surgem com dons especiais, com propósitos espirituais, com brilhos diferentes nos olhos. São incompreendidas, desassistidas, vistas como “rebeldes”, “marginais”, muitas tratadas como “autistas”, numa sociedade e num sistema educacional antiquados, ainda inteiramente despreparados para o surpreendente, o divergente.

Se tudo nos parece um caos, entendamos que toda moeda tem outro lado. Novos paradigmas, novas sensibilidades e cosmovisão em que o ser humano abandona a realidade tridimensional, mecânica, bruta e se metamorfoseia, lapida sua nova face, se expande, esplende sua consciência divina. A lagarta que se desprende do casulo do individualismo e se interconecta com o próximo, com a fonte criadora original, com as superiores aspirações do planeta, os sublimes propósitos da Seara do Senhor. Pensamentos bons, atração de boas e sábias companhias, o respeito, a sadia convivência com a natureza, a energia positiva no intercâmbio com todos os seres, são fanais a serem observados e seguidos.

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### ÓLEO DE PEROBA

Cidadão enrolado, ruim de negócios. Não pagava aos credores; contas, às pencas, dependuradas por todos os lados, pelos cabides dos bares, grudadas até nos rebites das peças de madeira que fabricava, uma vez que nosso amigo trabalhava na área de marcenaria. Do tipo “devo, não nego; pago quando puder”.

Mesmo em família, nada de andar direito. Empréstimos caseiros não saldados; serviços contratados, pagos adiantadamente por clientes e não entregues. Não esquentava, não se preocupava, não dava a mínima às insinuações, sequer às cobranças na bucha. Cara lambida, finório, o pessoal dizia: “sem-vergonhice dessas nem um pote ou um balde inteiro de óleo de peroba resolve”.

Final de ano. Festas de réveillon. Decidem todos em família – pais, irmãos, avós, primos – realizarem um “amigo oculto”. Um dos participantes, primo do “enrolado-enrolador”, seu credor antigo - decerto sem esperanças de receber, já fintado - fora sorteado, tendo como parceiro, a ser presenteado, justamente o dito cujo, o parente ruim de paga.

Não tem dúvidas. Pensa num presente especial, peculiar. Vai até a mercearia próxima, escolhe o presente, solicita à vendedora um caprichado na embalagem, papel de primeira, arranjo florido, primoroso laço.

Família em festa, ao serem abertos, de público, os presentes, o “enrolado”, sob os olhares irônicos de todos, gozação geral, ganhara um vidro – e dos grandes – de óleo de peroba.



# ADIVINHAS

- 1- Qual é o cúmulo da vaidade?
- 2- Qual é a melhor maneira de calar o mundo?
- 3- O que é mais leve do que uma pena mas nem mil homens podem carregar?

Respostas: 1- Comer flores para enfeitar os vasos sanguíneos; 2- Tirando a letra N (Mudo); 3- Um buraco

## Provérbios e Adágios

- Quando o rebanho está unido, o leão passa a noite com fome
- Quando dois elefantes brigam, quem sofre é a grama
- Vão à missa os sapateiros rogando a Deus que morram os carneiros
- Rio passado, o santo não mais é lembrado
- Águias não caçam moscas
- Conversa fiada não põe comida na mesa

### Para refletir:

- “As mais lindas palavras do amor são ditas no silêncio de um olhar” (*Leonardo da Vinci*)
- “Na vocação para a vida, está incluído o amor, inútil disfarçar, amamos a vida. E lutamos por ela, dentro e fora de nós mesmos” (*Lygia Fagundes Telles*)
- “Para onde vá, levarei o teu olhar; por onde caminhares, levarás o meu amor” (*Pablo Neruda*)
- “Quando o amor vos fizer sinal, segui-o, ainda que os seus caminhos sejam duros e escarpados. E quando as suas asas vos envolverem, entregai-vos, ainda que a espada escondida na sua plumagem vos possa ferir” (*Khalil Gibran*)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

### COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

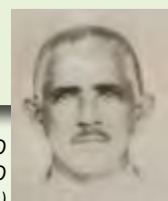
Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG  
CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107  
Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



## COMPANHIA FORÇA E LUZ SANTIAGUENSE

GABRIEL  
CAPUTO DE  
RESENDE (Bié)



FRANCISCO  
ROMUALDO  
CHICÃO

Estes dois São-tiaguenses foram os pioneiros nos trabalhos da “Usina Hidrelétrica de São Tiago”.

A Usina, com todo maquinário importado, funcionava no local até hoje denominado Usina, há mais ou menos seis quilômetros da cidade, no sentido São João del-Rei.

No local há, até hoje, a casa, onde ficavam as máquinas que geravam energia para a cidade.

Estas dependiam de mãos humanas para serem ligadas e desligadas. Não era como hoje que tudo funciona automaticamente ou no controle-remoto.

Estes dois cidadãos, funcionários da prefeitura, eram os encarregados de prestarem serviços lá na Usina, onde iam e vinham a pé. Com sol ou chuva tinham que desempenhar a tarefa, ligar e desligar as máquinas, nos horários previstos, além de vigiar o funcionamento das mesmas e a captação da água que gerava a energia.

Quantas vezes, vimos o Sr. Gabriel Caputo, vestido com sua capa ideal, sair debaixo de tempestade, rumo à Usina para cumprir aquela tarefa inadiável, porque não indo, a cidade ficaria no escuro.

É importante dizer que só tínhamos a energia durante a noite.

A Usina não tinha capacidade para o fornecimento diurno, portanto, naquela época ninguém tinha geladeira nem usava ferro elétrico para passar roupa.

Usava-se o ferro à brasa de carvão.

Esse trabalho durou até 15/08/1963, quando foi inaugurada a CEMIG em São Tiago.

Indo e vindo, a pé, esses dois cidadãos muito contribuíram para o conforto e bem-estar dos são-tiaguenses, por isso, merecem o reconhecimento e a homenagem do poder público local e de toda a comunidade.

Zely Rezende

Ex- Secretária da Prefeitura e Membro do IHGST - 30/06/2015.

### Nota:

Francisco Romualdo (Chicão): Funcionário da Prefeitura. Atuou na Usina geradora de energia, fazendo vigilância às máquinas, ligando-as etc. Foi instrutor de futebol. Primeiro instrutor de futebol infantil. Cuidador do Campo de Cruzeiro (pintura/roupeiro etc.).

Gabriel Caputo (Bié): Funcionário da Prefeitura. Atuou na Usina hidrelétrica dando manutenção às máquinas, acompanhando todo o funcionamento da usina diariamente.

## JIPE

Segundo estudiosos, a palavra “jipe”, um aporuguesamento de “jeep”, veio das iniciais G.P. da expressão inglesa “General Purpose” (“para todos os fins”), que era a marca original do veículo utilitário produzido pela Chrysler. Tratava-se o jipe, inicialmente, de um veículo versátil, produzido pelos ingleses, para fins militares durante a II Grande Guerra, que pudesse rodar em qualquer tipo de terreno (off-road). Um “pau para toda obra” e cuja utilidade, após a guerra, espalhou-se pelo mundo.



Os jipes modernos tem modelos para finalidades esportivas, passeio, aventuras, e com grande aceitação no mercado, especialmente, entre os jovens.

Patrocínio:



Apoio Cultural:





## FOLCLORE

## OS DEDOS

Pelos dedos das mãos, o homem aprendeu a contar, modelar, defender-se, escalar, acariciar, viver em sociedade. Mãos e dedos, em todos os tempos, foram instrumentos indissociáveis, indispensáveis ao trabalho à comunicação, seja por gestos, acenos, linguagem manual e corporal<sup>(1)</sup>. Muitas das medidas convencionadas ainda hoje são determinadas pelas mãos: palmo, polegada, mão cheia, punhado, manipulo, chave, pitada.

Os dedos aparecem frequentemente como objetos temáticos em brincadeiras, passatempos e folguedos infantis. São jogos mnemônicos, denominados brincos, que prendem a atenção e estimulam o aprendizado de nossas crianças.

Assim, partindo-se do mínimo e indicando-se dedo a dedo à criança, diz-se: paca, mondé, sururu, porco do mato, tatu. As formas eruditas são: mínimo ou auricular; anular; médio, indicador e polegar, vindas do latim "pollex", "index digitus", "medius digitus", "digitus annularis" e "digitus auriculares ou minimus".

O dedo mindinho tem, em nossa língua, inúmeras outras denominações como "seu vizinho", "maior de todos", "fura bolo", "cata piolho".

O dedo anular tem esse nome devido à superstição romana de que um nervo partindo do coração terminava nesse dedo, também conhecido como "qui minimus est proximus" (vizinho do mínimo). Daí o povo, desde tempos antigos, chamar o dedo mínimo de "seu vizinho".

O médio conserva vivo, ainda hoje, o antigo conceito obscuro, já relatado por autores romanos como Pérsio, Petrônio, de que, quando apontado isoladamente, tem representação fálica.

## BRINCADEIRAS INFANTIS (PARLENDAS)

## MAIS CONHECIDAS NO BRASIL COM A UTILIZAÇÃO DOS DEDOS.

Dedo mindinho, seu vizinho, maior de todos, fura bolo, cata piolho.

Toca-se a palma da mão da criança, perguntando:

- Onde está o bolinho que deixei aqui?
- O rato (ou o gato) comeu, responde

Vai-se subindo pelo braço, coçando e dizendo em cada parada:

- Aqui descansou, aqui almoçou, aqui comeu, aqui parou.
- Daí subindo-se até as axilas, sempre fazendo cócegas:
- Está aqui, está aqui!

Há outras variantes, envolvendo inúmeras interrogativas encadeadas:

- Cadê o bolo? O gato comeu
- Cadê o gato? Fugiu pro mato
- Cadê o mato? O fogo queimou
- Cadê o fogo? A água apagou
- Cadê a água? O boi bebeu
- Cadê o boi? Está mastigando milho
- Cadê o milho? A galinha espalhou (ciscou)
- Cadê a galinha? Está botando ovo
- cadê o ovo? O frade bebeu
- Cadê o frade? Está dizendo missa
- Cadê a missa? Está na igreja

Continua perguntando até querer-se parar e dizer-se ter encontrado o que se procura, escondido nas axilas (sovaco) da criança.

Toca-se em cada dedo da criança, dizendo:

- Este diz que quer comer
- Este diz não ter o quê
- Este diz que vai furtrar
- Este diz que não vá lá
- Este diz que Deus dará!

Outra variante ou fórmula:

- Este diz que quer pão
- Este diz que não há
- Este diz que Deus dará
- Este que furtrará
- Este diz: alto lá!

Fórmulas ritmadas e pitorescas com que as crianças decoram nomes dos dedos, datas, dias da semana, meses, números etc.

Um, dois, feijão com arroz  
Três, quatro, feijão no prato  
Cinco, seis, chegou minha vez  
Sete, oito, comer biscoito  
Nove, dez, comer pastéis

----- x -----

Uma, duna, trina catena  
Bico de ema  
Solá, solada ?  
Gurupi, Gurupá  
Conte bem que são dez!

## Provérbios - Tema 'Dedos'

- Ao vilão, dá-lhe o dedo e tomar-te-á o braço
  - O dedo que a lei corta não causa mais dano
  - Pelo dedo se conhece o gigante
  - Vão-se os anéis, ficam os dedos
  - Em rio quedo, não metas o dedo
  - Os dedos da mão são irmãos, mas não são iguais
  - A mesma faca corta o pão e o dedo
  - Ninguém com o dedo sujo aponte o erro alheio
  - Um dedo a mais estraga a mão
  - Um homem aponta o céu: o tolo olha para o dedo, o sábio vê a lua (Quando um sábio aponta o céu, o ignorante olha o dedo).
- Sobre "parlendas" ver matéria em nosso boletim nº IV-janeiro/2008.

## NOTAS

(1) Michel de Montaigne em seus famosos "Ensaíos" aborda as características e propensões pessoais de personalidades da Antiguidade, "inclinações que o corpo retém facilmente sem nosso conhecimento e consentimento", o que denominamos hoje de linguagem corporal. "A coqueteria conforme a beleza fazia Alexandre inclinar a cabeça um pouco para o lado; tornava a fala de Alcebiades lenta e gutural; Júlio César coçava a cabeça com o dedo, que é o comportamento de um homem cheio de pensamentos laboriosos e Cícero costumava franzir um pouco o nariz, o que significava uma índole zombeteira. Tais movimentos podem surgir imperceptivelmente em nós" (pág.451)

# BIOGRAFIA DE HIPÓLITO JOSÉ DE FARIA

Pesquisador: Éder Lúcio Gaudêncio de Oliveira

## INFORMAÇÕES INICIAIS

Hipólito José de Faria nasceu no dia 13 de abril de 1888, em São Tiago, sendo que nesta época, era distrito do Município de Bom Sucesso. Faleceu no dia 21 de agosto de 1949, na cidade de Mateus Leme, por consequência de um ataque cardíaco, sendo sepultado no cemitério municipal de Mateus Leme.

O Senhor Hipólito José de Faria era filho de José Gaudêncio de Souza e de Dona Maria Das Dores Lara, neto paterno de João Gaudêncio de Souza e Dona Maria da Glória de Faria, não havendo dados sobre a ascendência materna.

Batizado na Capela de São Tiago Maior no dia 21 de abril de 1888 pelo Vigário Padre Júlio José Ferreira. Seus padrinhos

de batismo foram Joaquim Carlos da Silva Tio e Maria das Virgens Lara.

Recebeu o referido nome em homenagem ao seu Trisavô Tenente Hipólito José de Faria, filho do Capitão Mateus José de Faria e Dona Bárbara Francisca de Jesus, e casado com Dona Maria Cândida de Santana, prima da Primeira Baronesa de Alfenas Dona Inácia Constança de Andrade e da Baronesa de São Thomé Dona Mariana Benedita do Nascimento.



## ORIGEM DA FAMÍLIA “OS FARIA DE BOM SUCESSO”

Segundo os documentos históricos divulgados pelo “Projeto Compartilhar”, a família Faria, povoadora da região de Bom Sucesso, descende do casal de açorianos Antônio Rodrigues da Costa e Águeda Rodrigues de Faria, casados em São Mateus - Ilha do Pico, aos 13 de junho de 1707.

Pelo menos dois filhos do casal vieram para o Brasil, Antônio Rodrigues de Faria e João Rodrigues de Faria, este último fixou suas raízes na região de Bom Sucesso, em Minas Gerais.

O Senhor João Rodrigues de Faria casou-se em Tiradentes com sua conterrânea Dona Isabel do Rosário, sendo eles os primeiros ascendentes de Hipólito José de Faria que migraram para o Brasil, por volta do ano de 1750, sendo assim o tronco da Família Faria no Brasil.

## CASAMENTO

Em 01 de outubro de 1910, na Capela de São Tiago Maior, Hipólito José de Faria casou-se com Maria Cristina Santiago (de Faria), filha do Capitão João Pereira Santiago e de Dona Messias Cândida de Rezende. Ele com 22 anos de idade e ela com apenas 15 anos. A cerimônia foi realizada pelo Vigário José Duque de Siqueira.

Esta senhora, de alta linhagem, descendia de importantes desbravadores do Brasil, sendo o seu pai a figura mais importante e influente de São Tiago naquela época.

Maria Cristina Santiago (de Faria) ou simplesmente Marieta, como era chamada carinhosamente, era neta paterna do Senhor Francisco Santiago e Dona Maria Fabiana de Jesus, e pelo lado materno era descendente da Dona Helena Maria de Jesus (Rezende), a terceira das três irmãs (Três Ilhoas) açorianas que imigraram para o Brasil em 1723, fixando residência em Minas Gerais, onde se tornaram troncos de antigas, tradicionais e importantes famílias brasileiras.

Provavelmente o casamento entre o Senhor Hipólito e Dona Maria Cristina selou uma aliança política entre as duas famílias, tendo em vista que eles pertenciam a grupos políticos rivais, sendo os “jaguços” liderado pela família “Santiago” coligados ao Partido Social Democrático e seus oponentes os “canjerês”, liderados pela família “Gaudêncio” coligados à antiga União Democrática Nacional.



O casal Hipólito José de Faria e Maria Cristina Santiago de Faria

## FILHOS E DESCENDENTES

Do Casamento entre Hipólito José de Faria e Maria Cristina Santiago (de Faria) nasceram 18 (dezoito) filhos, sendo que apenas 15 (quinze) chegaram idade adulta, quais sejam:

- Santiago José de Souza;
- José Gaudêncio de Souza;
- Messias Cândida Santiago;
- João Pereira Santiago;
- Maria Gaudêncio Santiago;
- Alfredo Gaudêncio Santiago;
- Godofredo Gaudêncio Santiago;
- Alice Gaudêncio Santiago;
- Sigefredo Gaudêncio Santiago;
- Adélia Gaudêncio Santiago;
- Adelina Gaudêncio Santiago;
- Moacir José de Souza;
- Expedita Gaudêncio Santiago;
- Maria Aparecida Santiago;
- Sebastião Gaudêncio Santiago.

Após a morte de Hipólito José de Faria, o seu legado em Sítio Novo foi assumido pelo seu filho José Gaudêncio de Souza (Zé do Hipólito), que compartilhava com o pai os mesmos ideais e propósitos sociais e políticos.

Estima-se que o casal teve aproximadamente 80 (oitenta) netos, 190 (cento e noventa) bisnetos e centenas de trinotos, se tornando uma das famílias mais numerosas da região.

## VIDA POLÍTICA E SOCIAL

Primeiramente, o casal residiu em São Tiago, e no ano de 1919, migraram para o município de Mateus Leme, juntamente com o senhor Ivo Batista de Oliveira e os irmãos Castro.

Em Mateus Leme, Hipólito José de Faria se tornou um fazendeiro próspero e rico, com grande prestígio social e político.

As terras do Senhor Hipólito seguiam do centro da Cidade de Mateus Leme, passando pelo Barreado, Sítio Novo, Mato Dentro e parte do município de Florestal, bem como ainda possuía terras na cidade de São Tiago e Bom Sucesso. A área total de todas as suas fazendas somava aproximadamente 118 (cento e dezoito) alqueires mineiros, sendo bem superior que alguns países europeus, tais como: Andorra, Luxemburgo, Mônaco, San Marino, Malta e Liechtenstein.

Hipólito José de Faria foi um homem de destaque na comunidade, contribuindo diretamente para o desenvolvimento



e progresso da região, principalmente de Sítio Novo.

Foi um grande líder e muito fez pelo povo. Político de grande projeção pelo partido da antiga União Democrática Nacional, sempre influenciou nas decisões municipais, focando suas atenções para a educação e saneamento

básico.

Foi o principal idealizador e responsável pela implantação da primeira seção eleitoral em Sítio Novo, fato que garantiu a todos da comunidade o direito ao voto e exercício da cidadania.

Após a sua morte, os seus filhos doaram para o povoado de Sítio Novo a nascente de água localizada na Fazenda das Pedras. A nascente abasteceu a comunidade sozinha por vários anos. No entanto, devido à grande demanda e à crise hídrica nacional, fez-se necessário a construção de poços artesanais para contribuir no abastecimento de água da população.

## HOMENAGENS

Em 24 de julho de 1964, pelo Decreto nº 7.733, a Escola Combinada de Sítio Novo, passou a denominar-se Escola Estadual “Hipólito José de Faria” em homenagem ao Senhor Hipólito, tendo em vista o seu elevado espírito comunitário e político, na área municipal e estadual e aos relevantes serviços prestados ao ensino de Sítio Novo.

A Lei Municipal nº 1.895, de 10 de dezembro de 1997, aprovou a municipalização das turmas de 1ª a 4ª série do Ensino fundamental e a escola passou a denominar-se “Escola Municipal Hipólito José de Faria”. Aprovada pela resolução Estadual nº 8.596/1.998, de 30 de janeiro de 1998, publicado no Estado de Minas Gerais do dia 04 de fevereiro de 1998. Parecer nº 833, de 08 de janeiro de 1994.

Ainda, por iniciativa do executivo municipal, a Prefeitura de Mateus Leme nomeou uma importante rua na cidade em homenagem ao Senhor Hipólito.

Em julho de 2009, as Prefeituras Municipais de São Tiago e Mateus Leme promoveram o evento “As águas do caminho de Mateus Leme a São Tiago – 90 anos depois”, para comemorar os 90



(noventa) anos da migração da família do Senhor Hipólito José de Faria para o Município de Mateus Leme.

É uma grande honra e fonte de orgulho para toda a família, e uma forma de agradecimento àquele que tanto contribuiu para desenvolvimento da região.

## FONTES

As águas do caminho de Mateus Leme a São Tiago – 90 anos depois. Disponível em: <http://acanm.blogspot.com.br/2009/04/acan-promove-o-evento-cavalgada.html> - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:06.

Os Faria de Bom Sucesso. Disponível em: <http://www.projeto.compartilhar.org/Familia/FariadeBomSucesso.htm> - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:08.

João Gonçalves de Mello. Disponível em: <http://www.projeto.compartilhar.org/Familia/JoaoGoncalvesdeMello.htm> - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:11.

Certidão de Batismo de Hipólito José de Faria. Disponível em: <https://familysearch.org/pal:MM9.3.1/TH-1-14763-1589-10?cc=2177275&wc=M5F8-BZC:370675101,370675102,370932001> - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:25.

Certidão de Casamento. Disponível em: <https://familysearch.org/pal:MM9.3.1/TH-267-11685-111414-56?cc=2177275&wc=M5NC-DPD:370675101,370675102,370848301> - acesso no dia 24 de junho de 2015 às 10:01.

Genealogia de Hipólito José de Faria. Disponível em: [http://www.myheritage.com.br/names/gloria\\_gaudencio](http://www.myheritage.com.br/names/gloria_gaudencio) - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:29.

Política de São Tiago no início do século. Disponível em: <http://www.jornaldaslares.com.br/integra/politica-de-sao-tiago-rejuvenesceu-com-raizes-fincadas-no-passado/935/> - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:30.

Inventário do Tenente Hipólito José de Faria. Disponível em: <http://www.projeto.compartilhar.org/DocsMgGL/hipolitojosedefaria1834-mariacandidadesantaana1866.htm> - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:34.

Dados da Escola Municipal Hipólito José de Faria. Disponível em: <http://www.escol.as/144054-em-hipolito-jose-de-faria> - acesso no dia 23 de junho de 2015 às 17:40.

Biografia de Hipólito José de Faria. 2ª delegacia Regional de Ensino de Belo Horizonte.

LARA, Jucimara da Piedade. Biografia de João Pereira Santiago. Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago. São Tiago, 28/05/2007.

BRANDÃO, João Lucio. Pontes e Companhia. Livraria Cultura Brasileira. Belo Horizonte, 1944, 2ª edição.

VIEGAS, Augusto das Chagas. Notícia Histórica do Município de São Tiago. Belo Horizonte, 1972.

Nota da Redação: O memorialista Carlos Silva, em suas “anotações e manuscritos” (há um exemplar no Banco de Dados/Biblioteca do Inst. Educ. São Tiago Apóstolo) faz referências ao Sr. Hipólito de Faria (pai) boiadeiro e que viria a falecer quanto de uma viagem a Goiás sendo sepultado em Sacramento.

Ver matéria “Maria dos Anjos de Melo” em nosso boletim nº X - Junho/2008.



# Golpes e Contos



## DE VIGÁRIO

Golpes, espertezas, velhacarias, mistificações existem desde os mais remotos tempos. Pessoas finórias, ladinas, espertalhões, falsários, estelionatários e outros tantos da mesma espécie que se utilizam de truques, vigarices, fraudes – os mais variados e desonestos métodos – a fim de auferirem lucros, vantagens, geralmente manipulando e ludibriando a boa fé alheia.

A criatividade dos malandros em aplicar contos do vigário e golpes não tem limites.

- Falsos empréstimos bancários anunciados em jornais, rádios e até nas ruas em carros de sons ou por “vendedores”
- Falsos prêmios (carro, casa etc.) hoje divulgados por telefone fixo ou celular
- Cartões de crédito ou de débito clonados (com a utilização de equipamentos como “chupa cabra”)
- Anúncios de falsos empregos, tipo “Trabalhe em casa”, de contratação de modelos etc. (geralmente com promessas de salários tentadores)
- Falsas ações judiciais contra empresas de previdência privada falidas, seguradoras ou de ações, com a cooptação de antigos segurados lesados, com a informação de que se trata de obtenção de ressarcimento de valores pagos ou eventualmente de melhoria de aposentadoria
- Falsos prestadores de serviços (eletricistas, bombeiros, carteiros, corretores de imóveis, dedetizadores etc.) que se utilizam dessa estratégia para adentrar casas, edifícios e empresas
- Falso bilhete premiado (O conto do “Paco”)
- Anúncios de vendas de falsos lotes, casas e apartamentos; anúncios para turistas com ofertas de aluguel de casas na praia
- Malandros que se passam por autoridades, médicos, empresários etc.
- Falsos sequestros de familiares

Golpes financeiros e patrimoniais bilionários, por exemplo, foram e continuam sendo aplicados, conforme publicações quase que diárias da imprensa. Muitos se tornam temas de filmes ou de livros. Há casos assombrosos, de golpes aplicados por criminosos:

- O austríaco Victor Lustig que, em 1925, “vendeu” a Torre Eiffel para o empresário francês André Poisson
- Marcelo Nascimento da Rocha, um criminoso paranaense que se tornou famoso, passando-se por Constantino, “filho do dono da Gol” (empresa de aviação). Fez-se assim amigo de políticos, artistas, jornalistas, namorando modelos famosas, dando entrevistas na TV etc. Suas peripécias foram contadas no livro “Vips – Histórias reais de um mentiroso” escrito por Mariana Cattabiano e no filme do mesmo nome
- Bernard Madoff que criou uma “pirâmide especulativa” lesando milhões de pessoas e a dezenas de instituições financeiras nos Estados Unidos. Seu exemplo foi seguido, recentemente, em nosso Estado por Thales Emanuele Maiolini, um mineiro de Araçuaí, que criou a FIRV Financeira, captando dinheiro de pessoas, inclusive em nossa região, com a promessa de grandes retornos. Golpe denominado de “espiral” ou “pirâmide financeira”. Acabou dando um prejuízo, segundo as autoridades, de mais de 30 milhões aos aplicadores de nosso Estado.
- George Parker, um audacioso vigarista americano, especialista em vender espaços públicos de Nova York, dentro esses a Brooklyn Bridge
- Franz William Abagnale, famoso falsificador americano, que se passava por piloto de avião, médico, advogado etc. Tornou-se especialista em imprimir e falsificar cheques, golpes que lhe renderam uma fortuna.
- O sergipano José Alves dos Santos que, em 1969, quando da viagem da nave Apolo II, de posse de um mapa lunar publicado pela imprensa, vendeu lotes na Lua para fazendeiros mineiros
- O americano Joe “Yellow Kid” Weil que ganhou fortunas entre 1930 a 1940 vendendo “elixires milagrosos”
- Virgílio Alves dos Reis (1898-1955), falsário português, que, em 1925, emitiu grandes quantidades de notas de 500 escudos, com a effigie de Vasco da Gama, dando grandes prejuízos ao Tesouro Português
- Golpes perpetrados por grupos econômicos, com maciça propagação, via meios de comunicação e utilização de astros da TV, cinema, cantores – Fazenda “Boi Gordo”, “criação de Avestruz”.



### “Conto do Vigário”

(ou “Conto do Macaco Chinês”) é uma expressão usada em Portugal e Brasil envolvendo uma história aparentemente verídica, praticada por velhacos, trapaceiros, no sentido ou objetivo de lesar alguém.

Segundo a pesquisadora Denise Lotufo, a expressão teria origem em uma disputa aí pelo século XVIII entre os vigários das paróquias do Pilar e da Conceição em Ouro Preto pela posse da mesma imagem (de Nossa Senhora da Conceição). Um dos vigários propôs que amarrassem a santa a um burro que pastava solto pela rua. Pelo plano, o animal seria solto entre as duas igrejas. A paróquia para a qual o burro se encaminhasse ficaria com a imagem. O animal, tão logo liberado, foi direto para a Igreja do Pilar que assim ganhou a disputa. Ficou-se sabendo mais tarde que o burro pertencia ao vigário desta Igreja.

Outras versões rezam que bandidos tomavam dinheiro dos incautos, oferecendo-lhes ou vendendo-lhes a herança que teriam ganho de um vigário. Outros afirmam que a história teve origem num lavrador ribatejano (Portugal) de nome Manuel Peres Vigário, hábil em trapagens e golpes contra terceiros, comprando gado de vizinhos e outros, pagando-os com notas falsas (tema, aliás, tratado por Fernando Pessoa em uma crônica publicada no jornal “O sol” de 1926 e incluída no livro “O Conto do Vigário”, Ed. Centro Atlântica, Portugal, 2011)

A pesquisadora portuguesa Natércia Rocha (obra “Contos e Lendas de Portugal”) atribui a expressão a uma série de golpes praticados em inícios do séc. XIX. Malandros chegavam a aldeias e cidadezinhas, portando grossas malas, apresentando-se como vigários em trânsito ou seus emissários. Afirmavam ter acondicionado nas malas grande quantidade de dinheiro e que, temerosos de riscos, necessitavam guardá-las com os moradores, sob sigilo, enquanto prosseguiam viagem. Solicitavam para deixá-las ali que os moradores lhes dessem, como garantia, uma certa importância em dinheiro, a fim de seguirem tranquilos. Dali desapareciam. Quando abertas as malas, descobriam apenas bugigangas, sem valor. E dessa forma, a má fama dos vigários se espalhou.

## Versão Espanhola

(Eis outra versão do “conto do vigário”, historicamente comprovada e que leu muita gente, inclusive entre nós) Uma quadrilha, em finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, com base na Espanha e ramificações em Portugal e Brasil, enviava cartas a famílias ou pessoas abastadas, com relatos comoventes, dramáticos, informando que havia uma vultosa herança em seu nome, deixada por um parente distante. Tudo com chancela, selos, carimbos, aparentando legalidade e autenticidade. Todos os documentos vinham assinados pelo vigário espanhol Manuel Suarez Lopez, de uma suposta Iglesia Parroquial Santa Maria, na Província de Pamplona, na Espanha. Para cuidar dos trâmites legais do testamento, os beneficiados iludidos enviavam valores em dinheiro. Ou então chamados à Espanha, onde eram espoliados. Nunca mais ouviam falar do tal religioso e da herança. (Ver matéria no box “O golpe da Espanha chega a São Tiago”).

O historiador José Augusto Dias Jr. em sua obra “Os contos e os vigários – uma história da trapaça no Brasil” narra essa versão ou tipo de estelionato à espanhola. Um homem recebe uma carta toda formalizada, convincente, enviada por um vigário espanhol, dizendo que um rico (com parentescos com o destinatário, incluindo a discriminação genealógica, obviamente fraudulenta) havia falecido, deixando-lhe uma polpuda herança e a guarda de uma filha de 13 anos. Tudo o que lhe cabia fazer era encaminhar certa quantia para liberar os documentos do falecido e conseguir a guarda da menor de forma definitiva.

Segundo Mello Moraes Filho em seu livro “Factos e Memórias”, publicado em 1904 (Fonte; <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/estelionato%20>

Contos%20do%20vigário% - pesquisa em 28/11/2014), informa que os contos do vigário surgiram no Brasil antes de 1884, oriundos especialmente da Espanha. Afirmo o autor:

“Em época não precisada, ladrões constituíram-se em associações na Espanha com a finalidade de explorar pessoas de posses, iludindo-as. As atividades daquelas associações ampliaram-se, ultrapassando as fronteiras espanholas, passaram a alcançar vítimas em outros países. Eram elas escolhidas por agentes, viajantes ou correspondentes que mandavam seus relatórios de modo a permitir a preparação dos golpes”

As vítimas, assim indicadas e escolhidas, recebiam cartas acompanhadas de documentos fraudulentos com notícias de heranças não esperadas de parentes distantes e desconhecidos. O interesse das vítimas era despertado igualmente pelas notícias e histórias de tesouros enterrados em solares, igrejas ou outros locais e algumas vezes pela existência de órfãs desamparadas – “parentas” da vítima – ansiosas por carinho e amparo, dando forte cunho sentimental às narrativas. Tempos de guerras, conflitos sociais e pobreza em grande parte da Europa e clima propício para esperalhões de toda ordem!

Acrescentavam as cartas que, para a regularização das heranças e no caso das órfãs, era necessário fazer despesas para buscas, processos, trâmites burocráticos, judiciais etc. O dinheiro pedido, se enviado, desaparecia. E das heranças e das órfãs, as vítimas não mais ouviriam falar.

“O conto do vigário é um laço armado com habilidade à boa fé do próximo ambicioso. É o caso em que os espertos se fazem de tolos e os tolos querem ser espertos e por isso, pagam o pato” (antigo conceito policial).

## O golpe ESPANHOL chega a SÃO TIAGO

Dois São-tiaguenses, ao que se sabe, foram vítimas de uma dessas trapaças. Luis Caputo<sup>(1)</sup>, conhecido empresário do século passado, frequentador assíduo da Capital do País, recebera, aí pelo final da década de 1910, uma cerimoniosa correspondência, assinada por um vigário espanhol, devidamente formalizada (com selos, timbres episcopais, etc.), comunicando ser ele herdeiro de grande fortuna na Espanha, deixada por um familiar distante, além da existência de uma órfã de seus 13, 14 anos (“já uma moça”, esclarecia o documento), filha do parente falecido e doador. Há a informação de que a carta fora postada em Bilbao, provavelmente um dos locais ou braços da quadrilha. Anexa achava-se uma carta comovente da moça, solicitando amparo ao “primo” brasileiro. Havia despesas a serem feitas e a jovem necessitava de um responsável para representá-la junto às autoridades espanholas e trazê-la ao Brasil, informava ainda a carta.

Luis Caputo fez-se acompanhar do inseparável amigo e sócio, fiel escudeiro Chico Palumbo<sup>(2)</sup>. Sem nada avisarem às famílias em São Tiago, deslocaram-se até a Espanha, ao encalço da propalada fortuna e para “trazerem” a órfã. Era um golpe. Por lá ficaram cerca de um ano, deslocando-se por vários locais, sofrendo constrangimentos, toda sorte de transtornos, ao que parece até prisões. Isso nas pouquíssimas informações que prestaram, à época, aos familiares, após o transtornado retorno a São Tiago.

Segundo a oralidade familiar e local, os dois aventureiros – e ludi-briados – relataram, a grosso, sem entrar em detalhes, após regressarem ao Brasil, terem sido achados, passando por inenarráveis sofrimentos físicos e morais na Espanha, onde caíram nas mãos de espertalhões e de autoridades corruptas. A obsessão pela “herança” e quiçá pela “moça órfã” custar-lhes-iam muito caro! Além de espoliados, passaram a ser vistos pelas autoridades espanholas também como quadrilheiros, falsários.

Luis Caputo fora liberado primeiro, ou desvencilhando-se – sabe-se lá como - da enrascada em que Chico Palumbo e ele se meteram, embarcando rumo ao Brasil. Tão logo descera no Porto do Rio de Janeiro, seria preso. Sua fama chegara antes. Dali a dias, Palumbo – que permanecera com a incumbência de “trazer a moça” – retornou igualmente de mãos vazias. Chegando ao Rio, ainda no cais, deparou com larga manchete estampada num jornal ali apenso: “Preso perigoso estelionatário internacional”. Ao centro da página, uma foto de Luis Caputo! Temendo ser também preso, Palumbo tomou o rumo de Minas e de São Tiago, viajando – virtualmente se escondendo - a pé, ao longo e às margens da Estrada de Ferro. Aqui chegaria, após semanas, com o corpo e os pés em frangalhos. Luis Caputo, com largas relações comerciais e sociais no Rio de Janeiro, em questão de horas safou-se da prisão.

*Agradecemos as informações prestadas pelo Sr. Raul Wilson da Mata e Sr. Jasminor Martins Vivas*

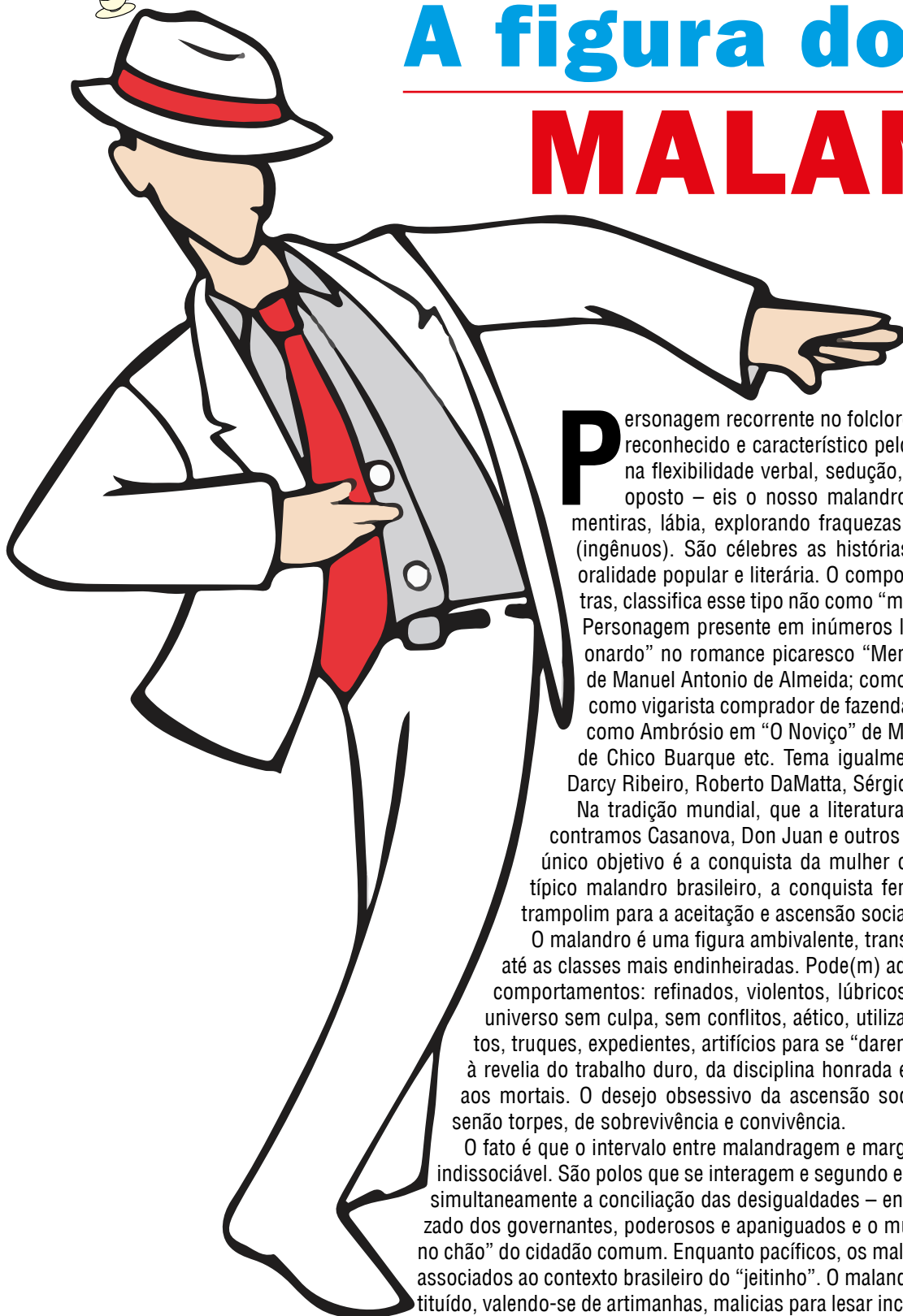


(1) Luiz Caputo - nascido em 1880, com registro em Ritópolis (MG). Filho de Felício Caputo e Clara de Almeida. Faleceu em São Tiago em 14/04/1963, sendo aqui sepultado. (Informações do Cartório de Registro Civil de São Tiago, a quem muito agradecemos).



(2) Francisco Antônio Palumbo (Chico Palumbo), de nacionalidade italiana, era natural de San Giovanni a Piro, cidade da região de Campânia, Província de Salerno. Jovem, imigrou para o Brasil, aqui chegando em 04/09/1902, instalando-se inicialmente em Santo Antônio do Porto (Andrelândia). De 1906 a 1908 residiu na Fazenda das Lavrinhas em São Tiago. Ainda hoje Município de São Tiago, morou a seguir, a partir de 1928, na Fazenda “Pau da Bandeira”, onde instalou uma indústria de manteiga, aí conhecendo sua futura esposa, D<sup>a</sup> Beralda Augusta de Resende. Casaram-se em 27/07/1908 tendo o casal sete filhos: Fernando, Matildes, Setímio, Paulo, Francisco, José e Benito, todos eles cidadãos honrados, com esforços e trabalhos a serviço da sociedade brasileira. Residiu ainda algum tempo na Fazenda Boa Vista. Em 1926, fundou na sede (São Tiago) o Banco Popular. Em 1950 mudou-se para São João del-Rei, aí falecendo em 15 de agosto de 1954, sendo sepultado no cemitério do Rosário. Homem dinâmico, ousado, muito contribuiu para o progresso das comunidades onde atuou. (informações prestadas por sua neta, D<sup>a</sup> Lourdes Resende, esposa do sr. Adeildo Lopes, e por seu filho Paulo Palumbo, a quem somos sumamente reconhecidos).

# A figura do MALANDRO



**P**ersonagem recorrente no folclore e no cotidiano brasileiro e mundial, reconhecido e característico pelo seus modos de vestir, no linguajar, na flexibilidade verbal, sedução, astúcia e ainda charme com o sexo oposto – eis o nosso malandro. Assim, através de dissimulações, mentiras, lábia, explorando fraquezas humanas, vai ele fazendo “otários” (ingênuos). São célebres as histórias de Pedro Malazartes extraídas da oralidade popular e literária. O compositor Noel Rosa, em uma de suas letras, classifica esse tipo não como “malandro”, mas como “rapaz folgado”. Personagem presente em inúmeros livros de nossa literatura: como “Leonardo” no romance picaresco “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antonio de Almeida; como “Macunaíma” de Mário de Andrade; como vigarista comprador de fazendas em “Urupês”, de Monteiro Lobato; como Ambrósio em “O Noviço” de Martins Pena; na “Ópera do malandro” de Chico Buarque etc. Tema igualmente de estudiosos brasileiros como Darcy Ribeiro, Roberto DaMatta, Sérgio Buarque de Holanda.

Na tradição mundial, que a literatura e cinema ajudaram a mitificar, encontramos Casanova, Don Juan e outros clássicos sedutores, malandros cujo único objetivo é a conquista da mulher como um fim em si mesmo. Para o típico malandro brasileiro, a conquista feminina serve, de forma geral, como trampolim para a aceitação e ascensão social.

O malandro é uma figura ambivalente, transitando desde os estratos da pobreza até as classes mais endinheiradas. Pode(m) adotar os mais diversos e dicotômicos comportamentos: refinados, violentos, lúbricos, sediciosos. Muitos transitam num universo sem culpa, sem conflitos, aético, utilizando-se dos mais díspares argumentos, truques, expedientes, artifícios para se “darem bem”, “se arranjam”, “gozarem”, à revelia do trabalho duro, da disciplina honrada e dos sortilégios do destino comuns aos mortais. O desejo obsessivo da ascensão social, mediante estratégias matreiras, senão torpes, de sobrevivência e convivência.

O fato é que o intervalo entre malandragem e marginalidade é muito estreito, por vezes indissociável. São polos que se interagem e segundo estudiosos, causados pelo conflito – e simultaneamente a conciliação das desigualdades – entre o mundo formal, legal, burocratizado dos governantes, poderosos e apaniguados e o mundo informal da “vida dura”, do “pé no chão” do cidadão comum. Enquanto pacíficos, os malandros são símbolos de convivência, associados ao contexto brasileiro do “jeitinho”. O malandro, no fundo, é hostil ao poder constituído, valendo-se de artimanhas, malícias para lesar incautos, inclusive o próprio Poder. Não são, nesse aspecto, a sonegação, o contrabando, formas de malandragem contraventora?!



## MALANDRAGENS em nosso meio

- A famosa herança da Fazenda São José da Ponte Pensa. Ver matérias em nosso boletim – nºs VII, Abril/2008 e X, Julho/2008
- Vendedores de apólices de seguros (Sul América), de seguros e planos de Previdência Privada (Montepio da Família Militar, Mongeral etc.
- O “engenheiro” comprador de fazendas, entre os anos de 1980/1990.
- Falsos detetizadores, vendedores de sal mineral, de livros etc.
- Golpes provocados por “ciganos” – “Dormir com a cigana” ver matéria em nosso boletim nº LXIX, Junho/2013.





# CIGANAS

## O GOLPE DA “MULTIPLICAÇÃO” DE DINHEIRO

Um dos embustes praticados por “ciganas” em seus rituais de “leitura da sorte” e cartomancia, aplicado contra pessoas humildes – porém gananciosas – é o da “purificação” de dinheiro para a sua posterior “multiplicação”. Com a promessa de “purificar” o dinheiro do cliente, eventualmente guardado em casa ou em bancos, e fazê-lo “multiplicar”, de forma mágica, clonada, as vigaristas induzem o ingênuo cidadão, sabendo-o possuidor de determinada quantia, a levar as cédulas em espécie, dinheiro vivo, para um ritual de “limpeza”. E que, após a “purificação”, as cédulas se multiplicariam por X vezes (2, 3, 5...)

Golpe realizado por ciganas ou mulheres itinerantes que se vestem como tais – com seus saris típicos e coloridos, pulseiras, adereços excêntricos, véus – e afirmam ler a sorte das pessoas, seja através de cartas de tarot, seja das linhas do rosto, das mãos, da aura. Dessa forma, abordam as pessoas ou fazem propaganda através de folhetos distribuídos pelas ruas, anúncios em rádios e jornais etc. atendendo em barracas ou até mesmo alugando cômodos enquanto permanecem em cada cidade.

O logro - para impressionar e convencer a vítima - envolve todo um rito, uma súplica litúrgica – velas, círculos mágicos, incensos, palavras cabalísticas, cartas de tarot com suas passagens (leituras), hierogramas, figuras hieroglíficas, filamentos, engrimanços... A pessoa, seduzida (a ir) até o local, vê-se magnetizada por todo um conjunto de sons, cores, sinais desconhecidos, repassando incontinenti o dinheiro para as mãos da “sacerdotisa”, ali acolitada por cúmplices, e que realizam o cerimonial da “limpeza” e con-

sequente “multiplicação” Uma das vítimas, até hoje perplexa, nos disse: “Eu vi, com esses olhos, que a terra há de comer, a mulher transformar, num passe de mágica, num estalar de dedos, uma nota de cem reais que lhe entreguei em mais três iguazinhas... Cem reais se multiplicando em trezentos reais, ali à minha vista...”

Encerrado o culto, a oficiante esclarece ao dono do dinheiro que o processo de “limpeza” necessita se estender, em sistema de vigília, por mais algumas horas – geralmente números simbólicos ou cabalísticos - 7, 10, 12 horas - para fins de “decantação” total das “impurezas” que, segundo a estelionatária, as notas contraíram no período em que estiveram guardadas em casa ou depositadas no banco. E sem a presença de profanos. Prazo suficiente para a “cigana” desaparecer com o dinheiro, geralmente no período noturno.

Findas as horas da “limpeza” prescritas pela cartomante, ao voltar ao local, o dono do dinheiro – tão crédulo até pouco tempo atrás - e incrédulo agora, não encontra mais ninguém. Casa fechada. Informa-se dos vizinhos e estes afirmam ter escutado barulho de mudança e vozes apressadas pela madrugada. Ou, então, afirmam não terem ouvido nada. Percebe, então, o cidadão logrado, estarecido que toda uma poupança, adquirida durante anos de duro trabalho, evaporara-se.

Não terá como alegar roubo, pois ele próprio, espontaneamente, levava as suas economias, retiradas do banco ou debaixo do colchão, até a impostora na ilusão de que o dinheiro fosse multiplicado. Algo impossível, mas, ainda há quem se deixe iludir...

# 1955 - 2015 60 anos de falecimento de Pe. José Duque de Siqueira



11/08/1955 – o corpo exposto de Pe. José Duque

**P**adre José Duque destacou-se pela rara qualidade da facécia, com ditos chistosos, inteligentes, perspicazes, de uma fina ironia e entranhado motejo.

Sutilíssimo nas colocações, de raciocínio ágil, linguagem surpreendente, metafórica.

Embora enérgico – e às vezes intransigente- como religioso, era senhor de proverbial e fino bom humor.

Associava as ambiguidades e contradições em contextos e frases lúdicos, de remate espirituoso, de uma ironia intelectual inigualável, simultaneamente despreziosa e educativa. Quase uma catarse amortecedora e depuradora dos problemas cotidianos. Um tônico contra a rotina e o corriqueiro interiorano, contra a mediocridade e o marasmo reinantes, forçando a reavaliação de pensamentos, a revisão do modo de vida, uma nova abertura ideológica.

Nasceu em 11 de fevereiro de 1868, em Santa Rita do Rio Abaixo, atual Ritópolis. Filho do sr. Braz e dona Francisca. Recebeu o nome de José Duque de Siqueira. Filho único do casal, teve duas irmãs: Lourença (Naninha) e Herondina (Dina).

Quando sentiu sua vocação, foi encaminhado para o Seminário de Mariana. Lá cursou e concluiu seus estudos, formando-se e ordenando-se em 11 de abril de 1891. Portanto, com 23 anos de idade.

No ano seguinte ao de sua ordenação, foi enviado para a paróquia de Lage, atual Resende Costa. Lá ficou de 1892 a 1899.

De lá, foi transferido para a Paróquia de São Gonçalo do Amarante, em Ibituruna.

Em 1904, como São Tiago estava sem pároco, padre José Duque foi nomeado e tomou posse como vigário de nossa cidade, em dezembro.

Ao chegar ao distrito, impulsionou a construção da nova Igreja Matriz. Com a ajuda do povo, lutou e construiu nossa igreja. Em 12 de agosto de 1912, Padre José Duque deu a bênção à nova Igreja da Matriz de São Tiago Maior e Sant'Ana.

Padre José tinha um jeito peculiar de ser, com um temperamento dicotômico: explosivo e suave. Era um pastor rígido e amigo, ao mesmo tempo. Dava atenção a todos quantos necessitavam de um conselho seu, mas, quando sentia ser necessário exortar a comunidade, fazia-o com franqueza e até mesmo agressividade. No entanto, tinha um coração cheio de bondade. Gostava de ajudar a todos, dava medalhas bentas, era brincalhão com as crianças. Não gostava de falar em política.

Com o passar dos anos, Padre José perdeu sua saúde, tornando-se incapaz de cuidar de São Tiago, Mercês de Água Limpa e das capelas rurais, principalmente devido às más condições das “estradas”. Por um bom tempo contou com vigários coadjuvantes: padre Marciano Gonçalves de Siqueira, padre Elpídio Rosa de Freitas e Francisco Elói de Oliveira. Este último tornou-se Monsenhor e vigário, após a morte de padre José Duque.

Padre José Duque não morava na Casa Paroquial e sim em uma casa própria, na rua Dom Viçoso, que atualmente tem seu nome. Morou lá com sua família até seu falecimento em 11 de agosto de 1955, com 87 anos.

O velório foi em sua casa, para onde toda a comunidade ocorreu. Vieram padres vizinhos e as exéquias foram celebradas pelo bispo Dom José Medeiros Leite, o qual beijou as mãos e os pés do falecido, em agradecimento por seu trabalho longo e valoroso.

Padre José Duque dedicou 50 anos de sua vida sacerdotal a São Tiago e aqui foi enterrado.



**Causos do padre José Duque Siqueira, contados em rodas populares, sessenta anos após sua morte. Os registros aqui compilados são oriundos da tradição oral de nosso meio, transmitidos e cultivados em conversas e bate-papos de rua, nos bares, no recesso dos lares, nos momentos de se bater taquara, de se jogar conversa fora. Reproduzimos os “causos” tais quais foram e são ouvidos, respeitando-lhes o contexto e a forma como o imaginário popular os situa. Há casos com diferentes versões, ou melhor, diferenças quanto ao desfecho, personagens etc. Há, portanto, variados contextos, e surpreendentes finais, ou mesmo narrativas circunstancialmente adaptadas ou enriquecidas pela fértil imaginação de nossa gente.**

## O exorcismo do padre Zé Duque

O sr. José Gomes fora dedicado trabalhador, servindo e atuando sacrificadamente durante anos na Fazenda do Pombal, então sob propriedade e administração dos srs. Sílvio e José Flávio.

Sua esposa, senhora de notáveis virtudes como esposa, mãe de família e cidadã, mercedosamente tinha a estima geral. No entanto, eis que aparece com graves problemas comportamentais, com enfermidade psíquica. Obsessão para alguns, simples loucura para outros, grandes transtornos para a paciente, familiares e amigos.

Tratamentos com médicos de renome, benzedores, curandeiros e outros não surtiram efeito. O “espírito” que estaria tomando a enferma - dizia-se - era “forte”.

O padre Elpídio de Freitas, vigário coadjuvante na época, é chamado para acalmar e - quem sabe - aliviar o sofrimento da senhora. Assim que adentra a residência, é ridicularizado pelo “espírito” ou “encosto”, que o chama de “homem de saia”. Insucesso igualmente.

A família, em última instância, apela ao padre José Duque, vigário titular e exorcista. Ele se desloca até o lar, incontinentemente, invocando o nome de Cristo e desenvolvendo pequeno ritual exorcista. Ordena que o obsessor deixe de importunar aquela senhora e abandone de vez a residência. O espírito, retirando-se, diz ao padre José Duque:

--“Com o senhor e seu poder sacerdotal eu não posso. Vou fazer o que o senhor me manda”. Mas, completou:

--“Se fosse outro padre, eu não sairia”.

## As três coisas boas da vida

Pe. José afirmava jocosamente que existiam três coisas boas na vida, enumerando-as: amigo velho, fumo velho e bebida velha. Era apreciador de um bom vinho e de uma boa e genuína cachaça. Bebia sempre ao alimentar-se, modicamente, e até mesmo com fins medicamentosos. Fazia parte do receituário popular a ingestão de doses de bebidas alcoólicas, desde que pura e de comprovada procedência. Era um hábito, uma tradição, seguidos por todas as pessoas, independentemente da classe social. Padre José adquiria regularmente - ou com elas era agraciado - garrafas da cachaça Mato Dentro, produto famosíssimo da nossa região e presença indispensável nas adegas.

## Quantas cruces...

De tez canela, alta, magra, era daquelas senhoras piedosas, de uma religiosidade simplória, quase beatífica, eivada de sincretismos, herdada dos antepassados “misticados”, conforme ela mesma explicava. Tinha ela sangue de todo jeito, assim se percebia, ela própria o dizia: branco, negro, índio, por aí afora. Benzedeira, rezadeira, parteira, de tudo fazia, de forma prática, caritativa, disponível, a comprida saia a varrer o chão, sorriso sempre aberto.

Residente na Içara, deslocava-se periodicamente até o arraial para as habituais atividades religiosas - confissão, assistência à missa, comunhão. Á época da Semana Santa, fazia questão de assistir, acompanhar a via sacra, permanecendo bem próximo ao pároco, o Revm<sup>o</sup> Pe. José Duque, comovendo-se com as passagens dolorosas de Cristo. E um roteiro especial pelos cruzeiros espalhados pelas praças e ruelas da cidadezinha. Desde criança, aprendera com a mãe a devoção a Santa Cruz<sup>(1)</sup>, com rezas, ladainhas, ao pé das cruzes então comuns, uma meia dúzia só na área urbana, mas também pelas estradas, encruzilhadas, nos portais das casas. Percorriam, geralmente em grupos, praticamente todos os cruzeiros da região ou entorno. Já adulta, fazia-o sozinha até, caso não houvesse companhia, outros fiéis para o ofício, seja na roça ou no arraial. Ritual que exigia, por várias vezes, bons e contados minutos, o ficar de joelhos, em demorada genuflexão, chão geralmente com terra solta, cascalhos, calhaus, gerando desconforto, escoriações, ferimentos, lacerações.

Por aqueles tempos, agosto de 1925, procedera-se a festiva inauguração da rede de energia elétrica de São Tiago, a antiga “Usina”<sup>(2)</sup>.

Um marco de progresso, desenvolvimento e orgulho geral. Dezenas de postes de madeira, para fins de distribuição de “luz”, foram instalados pelas praças e ruelas da localidade, os esguios troncos em vertical, de espaço em espaço, com os “braços” (suportes) para as lâmpadas, na forma de cruzes, ao alto.

Pe. José decidira realizar, por aquele tempo, dia 13 de Setembro, algo comum à época, uma festa de exaltação da Santa Cruz. Siá Erendina, vamos assim denominar nossa personagem, não se fez de rogada: veio da Içara, no dedão, especialmente para participar do contrito evento.

Encerrada a solenidade ainda pela manhã, Siá Erendina, dedica-se à sua antiga devoção de visitar os cruzeiros disponíveis. À tardinha, chega a boa senhora à loja comercial do sr. Joãozinho Caputo, de quem era comadre e em cuja residência costumava até se hospedar quando na cidade. Exausta, roupas amarfanhadas, os joelhos lanhados, em carne viva. Queixa-se:

- Estou um caco, compadre Joãozinho. Com esse tanto de cruzeiro que colocaram no nosso “arraia”, estão acabando comigo... Não “tô aguentando mais. Acho que, dessa vez, Pe. José exagerei...”

### NOTAS

(1) *Devoção a Santa Cruz - trata-se de antiga tradição e culto religioso, vindo dos primeiros tempos do Cristianismo, expandindo-se pela Europa e em particular no Brasil Colônia, mormente em Minas Gerais. Havia o hábito de se enfeitar com flores e fitas os cruzeiros e cruzes instalados por toda parte - praças, portelas, encruzilhadas, beira dos caminhos, entradas de fazendas, portas, beirais, pontes. Uma devoção vinculada à defesa contra os perigos das doenças, desavenças familiares, de mafeitores então comuns na região das minas, com pouca variação ao longo dos séculos. Um conjunto de ofícios, orações, litânias, intercessões especiais a Nossa Senhora, onde se mesclavam valores religiosos tanto quanto eruditos quanto orais-populares.*

(2) *O sistema e rede de energia elétrica de nossa cidade foi inaugurado em 15/08/1925, tendo à frente grandes líderes locais como o sr. Octávio Leal Pacheco, sr. Dorval Augusto da Mata. (Ver a esse respeito, matéria em nosso boletim “Sabores & Saberes” nº XXXIV, julho/2010).*

## No confessionário

Certo cidadão, morador pelos rincões das Laranjeiras e Quebra Barril, tinha o contumaz hábito de participar das solenidades da Semana Santa. Não abria mão da presença, fosse o que fosse. Assim, anualmente, nosso amigo Tiano - assim vamos denominá-lo - deslocava-se até São Tiago, de forma a cumprir seus deveres sociais, visitando parentes e em especial os religiosos, dentre eles o da confissão.

Fora educado na fé católica, influência de sua finada mãe, e se acostumara, desde criança, a seguir o exemplo materno e todo o ritual, inclusive o penitencial em tempos da Quaresma e Semana Santa.

Gostava, é bem verdade, de uma birita. Mesmo em casa, no eito rural, tinha a bebida como fiel companheira, ficando “alto”, excessivamente alegre, extrovertido, abastecido, regado por goles, avultadas doses de cachaça. Costume que - invariavelmente e até em maior grau - mantinha quando de suas idas à cidade. Dessa forma, por vezes embebedado, comparecia aos eventos religiosos.

Naqueles tempos, a confissão era auricular, ao pé do confessionário, pecados debulhados, na bucha, sem rodeios, aos ouvidos do sacerdote. Os confessores tinham, então, o hábito de fazer perguntas, sabatinar os fiéis, geralmente sobre temas básicos da fé, de lições extraídas do catecismo ou da Bíblia. E que geravam “aperto” em muitos paroquianos relaxados.

Eis Tiano, ajoelhado, “chumbado”, tentando relatar os pecados ao Pe. José Duque, que, lá pelo meio da confissão, pergunta:

- Com quantos anos, meu filho, Nosso Senhor Jesus Cristo morreu?

Confuso, azoinado, esfogeadado pelo álcool, Tiano ajeita-se sobre os trôpegos joelhos, revolve os magros ombros, tosse secamente, olhos avermelhados. Responde inenheiro, confuso, um quê de solécia, astúcia:

- Ué, Padre José, num me diga... Que coisa, hein... Eu nem sabia que esse senhor estava doente...



## "Causo"

# VILA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANCA DA LAJE

Final do século XIX, na Vila de Nossa Senhora da Penha de Franca da Laje, fazenda de sede vetusta, a vida transcorria rotineira: a ordenha das dezenas de vacas, as moendas do engenho de açúcar em ininterrupto funcionamento, o duro amanho da terra, os guinchos dos porcos cevados, o murmúrio das águas, seixos rolando serras e córregos abaixo, pássaros, lavouras, pessoas, tudo ostentando trabalho e atividade.

Eis que fatos assustadores e espantosos ocorrem, transtornando e transmutando a quietude da fazenda. Estranhos e ritmados barulhos perpassam todos os aposentos, numa atemorizante sinfonia tiptológica. Objetos são arrancados dos locais de origem subitamente transportados para longe, alguns simplesmente se desmaterializando. Sequer à mesa a família tinha sossego para se alimentar: pratos, talheres eram estranhamente arrancados e lançados longe, impedindo o repasto de todos. Animais sobressaltados, nervos a flor da pele, uma sensação de insegurança e temor atingia a todos. E a austera fazenda ganhando nome e fama de mal-assombrada.

Rezas, oferendas, penitências – dentro dos ritos religiosos de então – foram de início realizadas. Inutilmente. Os fenômenos reduziam por algum tempo; prosseguiram e se robusteciam depois misteriosos e levando pânico geral.

A família recorre então a figura de Pe. José Duque, vigário daquela paróquia, que visita a fazenda, se inteira de todos os fatos, anota, medita, ora, conversa com os moradores indistintamente, desde os familiares do proprietário, serviçais, trabalhadores, ex-escravos, colonos...

Pelas informações e observações colhidas, Pe. José, um arguto estudioso da Bíblia e também da ciência – pode concluir que os fenômenos ocorriam com frequência quando estava presente uma jovem mulata, semianalfabeta, que trabalhava como serviçal na sede da fazenda. A moça era o epicentro das manifestações.

Pe. José após constatar o nível de intensidade dos fenômenos e precisar o canal daquela assombração, manifestações – no caso a moça, ali jamais vistas. Orientou e preparou amplamente a família e em especial a moça médium recomendando vigília mental e espiritual, harmonia familiar, ações de caridade, orações contritas e fé e louvor em Cristo, durante certo período.

Transcorrido tal período, Pe. José determinou que num domingo à tarde, os adultos da casa se reunissem à mesa, esta de amplas proporções, toda forma reverencial e em círculo de oração; que rogassem, sob permissão de Cristo, que quem estivesse perturbando aquele ambiente se manifestasse, expondo claramente o que desejava ou as razões ali de sua presença e impressionantes atitudes. Próximo à jovem sensitiva, foram deixados papel e lápis, tudo de acordo com as diretrizes fixadas pelo sábio e virtuoso pároco.

Para pasmo dos presentes, a jovem entra em transe, sendo o seu braço direito tomado por ágil força mecânica e utilizando-se do lápis posto à mesa, passa a escrever garranchosa mensagem.

A entidade identificou-se como um irmão do proprietário da fazenda

### NOTAS:

*Pe. José Duque era pessoa cultíssima, viajada, atualizadíssima. Sua magnífica biblioteca, da ordem de milhares de volumes (poucos exemplares, porém, chegaram até nós) nos dá uma pequena dimensão de seu vasto saber.*

*Há informações de que, embora rígido sacerdote católico, Pe. José era conhecedor e leitor de obras ligadas aos estudos da meta física, de ciências afins dentre elas as pesquisas de Albert de Rocha, Alexandre Aksakoff, Emanuel Swedenborg, Charles Richet, Cesare Lombroso, etc.*

*Não nos esquecendo de seus habituais estudos e práticas devocionais inspiradas nos doutores e místicos da Igreja, como Santo Tomás, Santo Agostinho, São João da Cruz.*

*\* A jovem sensitiva a que se refere o fato ora narrado, se verdadeiras as informações dos contemporâneos e os relatos da época, seria dotada de elevado grau de sensibilidade e faculdade mediúnic (transporte de objetos)*



e que há décadas, tinha se mudado para Uberaba (chamado "Sertão") e que em todo esse período perdera contato com os familiares que tinham permanecido na Laje.

Afirmava a entidade que tinha falecido repentinamente em Uberaba, já há algum tempo, deixando dívidas e pendências a serem resolvidos. E que os credores "cá de baixo" não estavam lhe dando sossego no plano espiritual, daí ele ter vindo até a fazenda do irmão (aproveitando-se da mediunidade e instrumental daquela jovem), rogando-lhe que resolvesse os seus problemas e débitos de negócios junto aos credores, enumerando e discriminando para tal, valores e nomes. E se comprometendo a não mais molestar a família.

O irmão a tal se obrigou, deslocando em longa jornada até o Triângulo Mineiro, comprovando a morte, sanando todos os compromissos de seu indigitado mano.

E a paz retornou, de vez, à velha fazenda.

## Pe. José Duque e Pe. Ananias Vieira

Homem de introspecção e ação, a sabedoria evangélica aplicada, a preocupação intermitente do pastor quanto à salvação do indivíduo e do precioso rebanho a ele confiado, ainda que lhe exigissem austeridade, proficiência.

Estudioso, carismático, humanista, sempre a postos: ouvindo, consolando, ajudando, pautando-se pela circunspeção, vigor, cuidados para com as almas necessitadas, quando não atribuladas, em meio às árduas vivências, as íngremes experiências cotidianas. Sumamente culto, realizou várias viagens internacionais, em particular Europa e Oriente Médio. Poliglota, tinha o domínio pleno do francês (que utilizava em suas viagens), italiano, noções básicas do inglês e alemão, e ainda do latim e grego.

Mística, missionato, ministério cristão conjugados. A atenção aos que o procuravam, não só da localidade, mas de todas as partes. Visitas às famílias, a pastoral rural, não só em nosso município, mas em tantos outros da região em parceria com outros párocos e suas comunidades.

Pe. José Duque, estudioso da metapsíquica (atual parapsicologia) mantinha estreitas ligações, não só ministeriais, mas igualmente científicas, com o também sacerdote e cientista Pe. Ananias de Paula Vieira (Luz/MG, 10/10/1869-Oliveira, 16/07/1958), contemporâneo e amigo.

Pe. Ananias além de notável sacerdote, foi educador, jornalista, poeta, poliglota (dominava perfeitamente o italiano, leitor e admirador da "Divina Comédia", de Dante Alighieri). Cientista, dedicou-se ao estudo e a experiências médico-psicológicas, criando um sistema terapêutico psicodinâmico, através da transmissão de vibrações ou ondas psicoelétricas (telepsíquema) – o cérebro em sua função de receptor e transmissor de ondas, que podem ser conduzidas pelo poder do pensamento e com atuação física). Há relatos de suas experiências, nesse sentido, com pessoas, animais. Pe. Ananias, talvez, tenha sido um precursor da área de neurociências (observemos as recentes experiências científicas do Dr. Miguel Nicoletis, médico e cientista brasileiro residente nos Estados Unidos)

Criador, adepto e divulgador de terapia dietética, envolvendo hábitos saudáveis e moderados de alimentação, respiração, hidroterapia, eliminação de vícios como cigarros, bebidas, medicação intoxicante etc. Membro de várias academias científicas nacionais e estrangeiras.